

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade*

*Leticia Cardoso Barreto*¹

*Cibele Dias da Silveira*²

*Miriam Pillar Grossi*³

Universidade Federal de Santa Catarina

Objetivamos compreender como se articulam trabalho, afeto e sexualidade na vida de homens que se prostituem na região central de Florianópolis/SC, utilizando métodos como observação, conversas informais, entrevistas semi-estruturadas e registro em diários de campo. Observamos que existem limites simbólicos entre as categorias, mas esses são reconstruídos e ressignificados em função da relação estabelecida com clientes, parceiros, parentes e com a prostituição. O trabalho pode ser ocultado de familiares, mas usufruem dos seus rendimentos e estão presentes nos espaços, nas entrevistas ou em tatuagens. Relações com clientes podem ser carinhosas, afetuosas e prazerosas enquanto as com parceiros se tornarem mais mecânicas e performáticas. O aprendizado de técnicas no trabalho agrega prazer às relações com parceiros e o carinho pelo cliente pode assegurar a satisfação da clientela. Noções tradicionais sobre relacionamentos afetivos e sexuais são simultaneamente reiteradas, como na dicotomia afetividade/passividade, e questionadas, como em concepções reinventadas sobre a traição.

We aim to understand how work, affection and sexuality are combined in the lives of men who prostitute themselves in the central region of Florianópolis/SC, using methods such as observation, informal conversations, semi-structured interviews and field diaries. We note that there are symbolic boundaries between categories, but these can be rebuilt and gain new meaning depending on the relationship established with customers, partners, relatives and prostitution. The work can be hidden from family, but the family uses the income and is in the spaces, in interviews or tattoos. Customer relationships can be loving, affectionate and enjoyable as the partners relationships become more mechanical and performing. Learning techniques in the workplace adds pleasure to the partner relationships and affection by the customer can ensure customer satisfaction. Traditional notions about relationships and sex are both repeated, as in the dichotomy affectivity / passivity, and questioned, reinvented as in conceptions about the betrayal.

* Ethnographic notes on male prostitution in Florianópolis/SC: between work, affection and sexuality

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC. Endereço para correspondências: Rua Pilar, 143, 301, Grajaú, Belo Horizonte, MG, 30431-118 (leticiacondosobarreto@gmail.com).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC. Endereço para correspondências: Rua Henrique Veras do Nascimento, 82, Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC, 88062-970 (cibelesilveira@hotmail.com).

³ Professora do Departamento de Antropologia, CFH/UFSC. Endereço para correspondências: Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade, UFSC, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900 (miriamgrossi@gmail.com).

Palavras-Chave: Prostituição – Etnografia urbana – Afeto – Sexualidade – Florianópolis

Keywords: Prostitution – Urban Ethnography – Affect – Sexuality – Florianópolis

Introdução

A prostituição é tida, no senso comum, como a troca ou venda de sexo por dinheiro, contudo este trabalho não se reduz à relação sexual propriamente dita, aliás, essa por vezes nem é consumada, podendo ser necessário seduzir o cliente, representar papéis, inventar histórias, negociar o preservativo, entre outros (MINISTÉRIO, 2010). Por outro lado, pode envolver trocas que vão além da financeira, como afetiva e/ou sexual, a permuta de favores ou ainda bens materiais através de “presentes” (PISCITELLI, 2004). É uma parte da vida de profissionais e não a única definidora de sua identidade, sendo uma atividade rentável tanto para homens quanto para mulheres (KEMPADOO, 1998).

A atividade é legal no Brasil, mas é ilegal possuir casa de prostituição, facilitar a mesma ou ser cáften (BRASIL, 2002). A ilegalidade e ausência de regulamentação fazem com que a atividade adquira particularidades que variam de acordo com a cidade e com o local (rua, boate, hotel) em que está inserida, entre outros contextos que permeiem a atividade, como as próprias características individuais do (a) profissional. Através da Portaria Ministerial nº 397, de 9 de Outubro/2002, a prostituição, sob a família “profissionais do sexo” foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), um documento que reconhece, nomeia e codifica as ocupações existentes no mercado brasileiro (MINISTÉRIO, 2010). A descrição ocupacional dessa família evidencia a grande diversidade de formas de trabalho adequadas a este grupo, como garota/o de programa, meretriz, michê, prostituta, trabalhador do sexo (MINISTÉRIO, 2010).

Fonseca (1996) aponta que esta diversidade é fruto também das características das pessoas que se prostituem (idade, sexo, raça, classe social) e da sua forma de inserção (tempo de permanência, objetivos). Assim, embora seja uma atividade que possa ser desempenhada por diferentes grupos, focaremos nos homens profissionais do sexo, acreditando que existem grandes diferenças em relação ao trabalho e à sexualidade entre estes, as mulheres e as travestis. Pela escassez de bibliografia sobre o tema, abordaremos o trabalho e a sexualidade em outras formas de prostituição, sendo fundamental ao método etnográfico a alternância entre dados de campo e leituras bibliográficas (FONSECA, 1999), com um diálogo intenso com o outro que favorece e explicita as relações entre teoria e prática (PEIRANO, 1995). Usaremos os termos prostituição masculina, *garotos de programa*, *homens profissionais do sexo*, ou *boys* considerando que são mais amplos e também que são expressões usadas por nossos interlocutores, sendo categorias nativas (PEIRANO, 1995).

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

O objetivo da pesquisa etnográfica foi compreender como se articulam as categorias trabalho, afeto e sexualidade na vida de *homens profissionais do sexo* da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, região sul do Brasil. Para tal, buscamos identificar e caracterizar pontos de prostituição masculina e seus atores; conhecer as negociações e regras presentes nestes contextos; verificar a existência de limites simbólicos como forma de separar relações afetivas e sexuais dentro e fora da prostituição; examinar as diferenças relativas aos locais, público-alvo ou características dos *garotos*, tais como idade, classe, cor e trajetória familiar.

Inserções em campo e a reinvenção dos métodos

A pesquisa que aqui apresentamos foi fruto da disciplina “Métodos Antropológicos”⁴ em que deveríamos realizar uma etnografia como forma de aprendizado deste método. Assim, se marcaria, desde o início, por um contato breve com o campo de estudos. Optamos, inicialmente, pelo trabalho com os *homens profissionais* que exercem suas atividades em espaço aberto, como as ruas e praças centrais de Florianópolis, considerando que a prostituição e a circulação dos profissionais ocorrem em territórios mais ou menos circunscritos, incluindo pontos de passagem e de perambulação (PERLONGHER, 2008), depois incluindo também alguns que são procurados através de jornal e/ou internet. Os locais que nos indicaram foram a Avenida Hercílio Luz e a Praça XV de Novembro, ambas na região central de Florianópolis. Planejamos fazer visitas aos locais e abordar os *garotos* durante seu trabalho, momento em que faríamos as observações e entrevistas.

A primeira tentativa de inserção foi frustrada tanto pela recusa de um *garoto* de conversar conosco quanto por nosso temor de abordar um que aparentava estar drogado e de permanecer na rua no período da madrugada, sem alguém para nos apresentar e guiar. Destarte, optamos por realizar uma observação livre, com um “olhar etnográfico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000), considerando que esta permite que se preste atenção a linguagens que por vezes são pouco evidenciadas por técnicas como a entrevista (FONSECA, 1999). Registramos impressões, situações, descrições e cenas (PERLONGHER, 2008), dando atenção às roupas, gestos e estratégias de aproximação entre cliente e *garoto de programa*.

A inserção em campos de prostituição é dificultada pela ilegalidade e a representação social negativa relacionada à ocupação, o que pode acarretar a invisibilidade nos contextos urbanos, desconfiança dos envolvidos em relação

⁴ Disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2011/01.

aos objetivos dos pesquisadores, proibição de entrada e permanência nos locais (PERLONGHER, 2008; BARRETO, 2008). A partir desta dificuldade inicial e da percepção dos riscos de inserção neste campo, decidimos buscar outras formas de contato e rever nossos métodos, uma vez que é necessário inventar as técnicas antropológicas para se adequar à população estudada e a suas características (PERLONGHER, 2008), já que o ponto de partida do método etnográfico é a interação entre pesquisador e seus objetos de estudo (FONSECA, 1999).

Para minimizar os entraves, buscamos pessoas que têm ou tiveram contato com o grupo pesquisado para que fornecessem informações sobre permissão para entrada de mulheres, os riscos e a possibilidade de diálogo e também para atuarem como mediadores da relação entre as pesquisadoras e os entrevistados, mas sem desconsiderar que essa função pode tanto facilitar quanto dificultar a inserção em campo (MINAYO, 2007). Entramos em contato via e-mail com uma pessoa, que havia feito um vídeo com os *garotos* (VIEIRA, 2011), para saber como se inseriu e nos informou que o fez através do GAPA/SC e de sua presidente, Helena Edilla Lima Pires, que a apresentou a um garoto que a acompanhou em campo. Contatamos Helena e agendamos uma entrevista. Na data marcada, ela lembrou que iríamos fazer um trabalho com os *garotos* e nos apresentou a Renato, que se tornou não apenas nosso interlocutor, mas um colaborador de pesquisa, com o qual discutíamos ideias, percepções e observações (FOOTE-WHYTE, 1980). E, assim, o contato com o campo e interlocutores foi aos poucos transformando inclusive nossas hipóteses e problema de pesquisa (FONSECA, 1999, PEIRANO, 1995).

Renato aceitou conversar conosco, com a condição do pagamento no valor equivalente a um programa, R\$100,00 (cem reais), quantia que incluiria uma conversa com ele e depois uma ida ao campo e a apresentação de três ou quatro *garotos* com os quais pudéssemos fazer nossas entrevistas, mas que não receberiam por isso, de modo que não deveríamos mencionar que estávamos o pagando. Sem vislumbrarmos outras possibilidades, já que a própria integrante do GAPA/SC afirmou ser a única forma, aceitamos suas condições.

Até este momento, a conversa parecia travada, mas logo a seguir Renato relaxou e começou a conversar de maneira mais tranquila conosco. A conversa fluiu de forma descontraída, nos contando sobre sua vida, seu trabalho, e quando percebemos já estávamos há quatro horas naquela interação. Essa entrevista não havia sido planejada, por isso não a gravamos e nem seguimos um roteiro, mas deixamos o entrevistado guiar os rumos da mesma, e durante o seu caminho íamos fazendo perguntas. Talvez pela ausência de planejamento, essa foi a mais rica das entrevistas que fizemos, trazendo dados fundamentais, o que nos levou a incluir as entrevistas não-estruturadas como método da pesquisa.

Outro dia, Renato nos levou à Praça XV de Novembro, dizendo achar pouco seguro nosso trânsito pela Hercílio Luz. Já havíamos frequentado algumas vezes a praça, sem nunca atentar para a presença dos *garotos*, evidenciando a invisibilização da prostituição e suas regras aos transeuntes (PERLONGHER, 2008). Assim, a presença de Renato se mostrou imprescindível tanto para estabelecer o contato com os demais *garotos*, que são vistos por ele como arredios, sendo que dentre os nossos entrevistados apenas um não foi apresentado por ele, como para nos ajudar a identificar *boys* e clientes, indicando gestos, olhares, e comportamentos próprios dos mesmos (PERLONGHER, 2008), que são códigos criados para identificação, e saber quem pertence ou não à comunidade, decifráveis por *garotos* e por clientes, mas não evidentes aos demais (BARBOSA DA SILVA, 2005).

As visitas ao campo aconteceram durante alguns dias e nestes momentos foram realizadas observações, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas, registrando as atividades, percepções e sensações nos diários de campo. Esta utilização flexível de técnicas disponíveis, e suas articulações possibilitaram o estabelecimento de ligações provisórias entre fenômenos e descobrir semelhanças e diferenças entre eles, uma vez que se obtêm variações de perspectiva e de escala (MENDES, 2003). Focou-se na pesquisa empírica, entendida como forma de conhecimento das relações sociais, e executada por meio das faculdades de espírito, como o olhar, o ouvir e o escrever (CARDOSO de OLIVEIRA, 2000). Esta nos aproxima da realidade em questão, considerando que o fato de pertencer a uma mesma sociedade não assegura nosso conhecimento em relação a essa realidade, uma vez que nossas concepções são frequentemente fundadas em estereótipos que dificultam a reflexão e relativização, mascarando a diversidade de significados e interpretações (VELHO, 1978). O intuito foi realizar uma observação etnográfica, considerando que a etnografia abrange não só a descrição, mas a interpretação dos dados a partir de um contexto mais amplo (GEERTZ, 1989).

Um dos principais métodos antropológicos utilizados foi a observação participante, considerando que esta é um processo pelo qual o observador se insere na situação social com o objetivo de realizar uma investigação científica, colhendo dados através da relação e sendo parte do contexto, modificando-o e sendo modificado (CICCOUREL, 1990). A imersão em campo possibilita que conheça não os fenômenos isolados, mas a totalidade do contexto e os significados que perpassam este, bem como as formas típicas de pensar e agir nestes ambientes (DURHAM, 1978). A observação permitiu compreender quais as lógicas que regem o trabalho destes profissionais do sexo por meio de uma aproximação com os “nativos” (DaMATTA, 1981) e também perceber suas interações cotidianas (VELHO, 1978).

O contato ocorreu entre os dias 29 de Abril/2011 e 2 de Junho/2011, incluindo visitas à Praça XV, à Avenida Hercílio Luz e ao GAPA-SC e abrangendo momentos de entrevistas e outros de trocas realizadas com Renato. Em determinada situação, o incômodo em falar de sua vida para duas mulheres fez com que um dos entrevistados só aceitasse conversar em um bar, tomando uma cerveja. Foram realizadas seis entrevistas mais aprofundadas, das quais três foram semi-estruturadas, com um roteiro elaborado previamente, mas seguido de forma fluída, e duas foram gravadas e transcritas. Uma conversa informal também foi gravada e transcrita. As entrevistas semi-estruturadas foram feitas *in loco*, objetivando valorizar a fala como instrumento que evidencia as expressões culturais e simbólicas dos entrevistados (MINAYO, 2007). As perguntas foram flexibilizadas de acordo com os rumos da entrevista sendo possível acompanhar o entrevistado em seu percurso (MENDES, 2003). As inserções em campo mais interessantes foram aquelas em que não tínhamos um objetivo definido, mas que ficávamos na Praça, às vezes por horas, conversando com os garotos, muitos dos quais não queriam ceder entrevista inicialmente, sobre temas variados, e pouco a pouco nos iam contando sobre suas vidas, seu trabalho, nos mostrando o trabalho dos companheiros ou o comportamento dos clientes.

Os entrevistados eram todos homens e um trabalhava via anúncios de jornal e internet, três em locais variados, focando nas oportunidades, e dois nas ruas centrais. Um deles é casado e outro separado, ambos têm filhos. Os demais são solteiros, não possuem namoradas e nem filhos. Apenas um se dedica exclusivamente à prostituição e os demais possuem outras ocupações como *office-boy*, servente de pedreiro e distribuição de panfletos de casas de massagem femininas. Todos são brancos, possuem entre 20 e 28 anos de idade e são originalmente de classes média ou baixa.

Percebemos que algumas das expressões que usávamos não eram inteligíveis aos *boys*, já que, por exemplo, existem aqueles que não consideram que fazem programa, e outros não permitem que certos assuntos sejam abordados. Renato observava atentamente e nos ajudava com as perguntas, traduzindo para os *garotos* o que estávamos querendo dizer e nos indicando limites a serem observados. Não tentamos forçar um vocabulário que fosse igual ao deles, mas incorporamos categorias nativas e fomos percebendo as regras do grupo sobre o que, quando e como as coisas deveriam ser ditas (FOOTE-WHYTE, 1980). Nestes casos, tentamos refletir sobre o mal-estar causado pelo não domínio da situação e pela criação de momentos constrangedores que evidenciavam que éramos estranhas a eles (FONSECA, 1999) e que nos permitiam compreender a forma de funcionamento daquele grupo. Percebemos que alguns se sentiam envergonhados de falar sobre sexo com duas pesquisadoras, outros não queriam que usássemos seus nomes, alguns assuntos deveriam ser ditos em voz baixa e outros falados apenas com o olhar, regras e normas que fomos tentando assimilar ao longo do contato.

As etapas do processo foram registradas em diários, logo após o contato, como meio de inscrever o trabalho de campo e torná-lo passível de ser comunicado, garantindo que experiências e lições aprendidas influíssem no registro (MARCUS, 1986). A escrita é uma forma de traduzir a experiência para o texto e deve buscar o diálogo com o campo e o questionamento das expectativas e formas de atuação do pesquisador, permitindo que se aproxime mais da realidade e que consiga inserir a experiência em um contexto mais amplo, que não se limite ao indivíduo (CLIFFORD, 1998). Foi escrito ao final do contato um texto etnográfico com base nas observações devidamente organizadas, como forma de produção de conhecimento (CARDOSO de OLIVEIRA, 2000).

Durante todas as etapas, Renato foi nosso principal colaborador e nos ajudou a direcionar o trabalho. No primeiro momento, pagamos por sua contribuição e ele se mostrava bastante solícito e preocupado em assegurar que recebêssemos o que foi combinado, sempre buscando oferecer mais, embora os resultados tenham ido além de nossas expectativas. Após a execução do que foi acertado, continuamos a fazer algumas inserções mais informais e em um momento sugeriu que o pagássemos para que desse uma entrevista na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dissemos que queríamos muito continuar o trabalho, mas que não havia como fazermos mais pagamentos. Aos poucos, fomos vendo outras formas de troca como a transferência, de VHS para DVD, de dois vídeos sobre *garotos de programa* fruto do Projeto Consciência (GAPA, 2002), que foi desenvolvido pelo GAPA-SC, presenteando Renato e o GAPA com cópias.

Situando a pesquisa e as pesquisadoras

Ao longo de todo o contato, fomos notando como éramos percebidas pelos interlocutores e como esta percepção influenciava nos rumos e nas configurações da pesquisa. Este ponto é de suma importância uma vez que as reações dos nativos frente a nós são indicativos das relações de desigualdade e dominação ou de equidade, sendo um importante dado de análise (FONSECA, 1999). Fonseca (2006) nos lembra que a comunicação entre pesquisador e objeto é marcada por diferenças de classe, grupo étnico, sexo, que criam universos simbólicos diversos, sendo necessário criar dúvidas e hipóteses sobre os hiatos e assimetrias, bem como as semelhanças entre nossa forma de ver o mundo e a dos outros. Assim, a pesquisa deve ser sempre situada, uma vez que é perpassada pela inserção de quem a produz em determinado grupo social, classe ou gênero, trazendo em si marcas da sua subjetividade e das suas experiências (MACHADO, 1994), de modo que são criados conhecimentos que são sempre parciais,

localizados e posicionados, uma vez que influenciados por formas de pertença e de simbolização (FEMENÍAS, 2007). Não somos pesquisadoras neutras, mas duas mulheres, doutorandas, de classe média, brancas, categorias que tiveram cada uma sua influência, principalmente as duas primeiras, sobre as quais discorreremos.

O fato de sermos estudantes da universidade parece ter feito com que os entrevistados se sentissem respeitáveis, legitimando e valorizando positivamente o seu trabalho, o que fazem e de como fazem. Inicialmente pareciam sempre querer nos falar “do que é importante”, deixando de lado suas experiências cotidianas, mas ao perceberem que nos interessávamos por estas, começavam a contar histórias e a interagir conosco de forma bem fluida, querendo nos passar aqueles conhecimentos que são próprios a eles. Foram aos poucos dando sugestões de técnicas, como observar as formas de interação, e de entrevistas com clientes, por exemplo, onde diziam: “ia ser bom conversarem com eles, para entender melhor. Saber por que vem para cá, o que buscam”. A pesquisa se mostrou um importante lugar de troca de saberes e de histórias entre eles, percebidos agora como mais legítimos, o que nem sempre é possibilitado pelas características de sua ocupação e o estigma associado a ela. Se antes havia uma desconfiança de alguns sobre os nossos objetivos e métodos, se criou a seguir uma relação de confiança e de proximidade.

Por sermos mulheres tentando conhecer o trabalho de homens com o sexo foi um ponto de tensão e impedimentos, mas também de abertura de portas. O mercado sexual como um todo é voltado prioritariamente para os homens e as mulheres aparecem como público alvo de forma bem mais restrita e por vezes irrisória (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010) e nosso interesse foi percebido como algo estranho ou até mesmo com uma dúvida se nossos objetivos se restringiam aos acadêmicos (BRAZ, 2010). O nosso corpo não nos permite entrar em determinados espaços, como as saunas, voltadas especificamente para o público masculino. Os entrevistados se mostravam constrangidos de falar sobre determinados tópicos, como questões sobre as práticas e prazeres, com mulheres, já que estas muitas vezes são percebidas como sujeitos de desejo moderado (BOZON, 2004). Foi fundamental a presença de Renato e também de um colega de núcleo de pesquisa, que nos acompanhou em um dos dias, para quem se voltavam nos momentos de constrangimento dizendo “como é que vou falar uma coisa dessas para uma mulher? Vou falar para você que é homem”.

Em outros momentos as perguntas eram voltadas para nós, sobre nossas intenções com a pesquisa e as nossas preferências erótico-sexuais, semelhante ao que ocorreu com Braz (2010). Diziam “fulano vai gostar de conversar com vocês, ele adora mulher!”, “pelo menos uma das meninas tem que sentar ao meu lado” ou “pelo amor de Deus, menina, eu gosto de mulher, vocês duas,

por exemplo, são perfeitas, a coisa mais linda”, havendo uma preocupação ainda em evidenciar sua heterossexualidade, dizendo “faço isso só pelo dinheiro”. Observamos que o corpo das pesquisadoras se torna objeto de desejo, de comentários, evidenciando as dificuldades no distanciamento e a importância de pensar sobre o seu papel, que não será nunca invisível ou neutro. Braz (2010) propõe que esta relação não seja apagada, mas que a corporalidade seja tanto objeto de investigação quanto sirva de método de pesquisa, usada como meio de compreensão da materialização do corpo nestes ambientes e os parâmetros utilizados para defini-lo como inteligível e desejável ou não.

Os garotos: populações fixa, ocasional e flutuante

O universo dos *garotos de programa* é bastante diverso e complexo, havendo diferentes formas de atuação, negociação, ação, variações que não se restringem apenas aos locais em que ocorrem, mas que abrangem as percepções e identidades dos mesmos, de modo que não deve ser encarado como um todo homogêneo, mas se pensar as particularidades de cada caso para aprofundar a análise (FONSECA, 1999). A identificação com um grupo ou uma atividade é construída a partir de um quadro de referências comuns que se articulam, como a caracterização de comportamentos e valores pré-estabelecidos, para a formação de uma imagem (BARBOSA DA SILVA, 2005). Um que trabalha em tempo integral pode se sentir mais profissional do que um que vai à rua ocasionalmente, bem como se diferenciam em termos do que eles consideram legítimo ou apropriado para cada situação. Entretanto essas construções identitárias não são estáticas, pelo contrário, estão sempre em processo de modificação, apresentando também incoerências e contradições (PERLONGHER, 2005).

Para Renato, assim como para Luiz Fernando Martins, que era coordenador do Projeto Consciência (GAPA, 2002), as populações de *garotos* podem ser classificadas em três grupos, de acordo com sua inserção e dedicação à prostituição: ocasional, flutuante e fixa. A população ocasional é aquela em que o indivíduo mora num bairro e vai para o centro às vezes, quando precisa, em geral possuindo outra ocupação; a flutuante está cada vez em um lugar, podendo mudar de cidade, de país, passando temporadas nestes, mas sempre já chegando informada da forma como ocorre a prostituição nos diferentes ambientes; e a população fixa, que se dedica exclusivamente à atividade. Dentre os nossos entrevistados, encontramos ao menos um de cada uma destas populações.

A questão das oportunidades é o que leva muitos a se inserir nestes meios, sendo que vários dos entrevistados por nós ou mostrados no vídeo Balada do Michê (GAPA, 2002) afirmam que não buscaram a prostituição,

mas que foi algo que aconteceu. A maioria, ainda muito jovem, população bastante procurada, estava em algum ponto de ônibus ou passando pela rua e recebeu alguma oferta, ou essa aconteceu depois de outras etapas, como um convite para ir à casa da pessoa ou um pedido de ajuda. Esta concepção se assemelha à noção de acaso discutida por Peirano (1995) que traz em si uma tensão entre destino preestabelecido e vontade individual, abrindo espaço a uma indeterminação e uma negligência da vontade, uma vez que o acontecimento é associado a causas independentes e cujas leis são ignoradas. Muitas vezes este aspecto de algo informal e não procurado se mantém ao longo dos anos não havendo uma preocupação muito grande com seu futuro na ocupação, sendo marcados por uma ética do instante (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010).

Nas populações fixa e flutuante as pessoas se dedicam integralmente ao que fazem e alguns se gabam de que hoje, mesmo sem anúncio no jornal ou de frequentar as ruas, conseguem ter clientes, pois já são reconhecidos. Entre os *garotos* é pequeno o número dos que se dedicam exclusivamente à atividade, seja pela pouca possibilidade de remuneração (pela oferta pequena em uma cidade como Florianópolis), pela necessidade de possuir um trabalho “digno” (que seja legitimado pela sociedade e que possa ser comunicado às diferentes pessoas), pela ausência de perspectivas futuras. A maioria dos *garotos* afirma que a ocupação tem “prazo para terminar”, já que a busca é sempre por meninos novos, de corpos bonitos (POCAHY, 2011; PERLONGHER, 2008; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010).

A atividade possui uma forte estigmatização, por ser prostituição e como tal ser percebida como algo sujo ou de vida fácil, e, no caso em questão, principalmente por colocar em dúvida a sexualidade das pessoas que a praticam, de modo que muitos temem que sejam percebidos como “veados”. As justificativas para o que fazem se assemelham às apontadas por Díaz-Benítez (2010) e as mais comuns são financeiras ou ligadas às oportunidades (de viagens, de conhecer pessoas) e apenas um dos entrevistados afirmou “unir o útil ao agradável”, tendo visto na prostituição uma forma de experimentar ter relações sexuais com homens. No caso do dinheiro, Pocahy (2011) afirma que atua como algo que permite se cruzar as fronteiras da masculinidade. Alguns dizem que se prostituem quando precisam (para comprar coisas, pagar contas ou para usar drogas) ou quando surge uma possibilidade boa, mas nestes casos não se identificam como *garotos* de programa e as trocas são bem mais diversas do que as sexuais e os ganhos podem ir além do pagamento de dinheiro em espécie (PISCITELLI, 2004; POCAHY, 2011).

A juventude é uma característica que atrai os clientes, que tem interesse principalmente em *boys* com idade de no máximo vinte anos. Assim, o garoto que atinge a casa dos trinta anos já está no fim de sua trajetória na prostituição, pois não seduz mais os clientes e, como diz Pocahy (2011), não existem *garotos de*

programa que não sejam jovens. Como nos disseram “É igual a jogador de futebol, chegou naquela idade, não dá mais”. Por isso, a maioria deles não percebe a prostituição como uma carreira, mas como uma atividade que tem prazo para terminar, como parte de sua trajetória (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010), o que leva não só a uma não dedicação integral por parte de muitos, como também a uma preocupação com o futuro (como a idéia de fazer um curso ou de comprar um imóvel) e a uma diferente relação com o corpo e o cuidado com este.

Observamos dois padrões principais de relações com o corpo, um grupo bastante preocupado com sua *beleza e exibição* e outro grupo que parece não ter este como foco. A população fixa e flutuante possuem uma busca por manter um corpo bonito, usar roupas boas e até por se aperfeiçoar em determinadas técnicas (como de ganhar dinheiro mais rápido ou de executar práticas mais eficientes). Sabem que este é um meio de trabalho efêmero e que precisam aproveitar ao máximo o momento para ganhar bastante dinheiro e para se estabilizarem como pessoas profissionais. Esta preocupação aparece também entre os que querem sempre buscar as oportunidades, pois precisam manter um corpo sedutor para conseguir aproveitá-las. Os nossos entrevistados destas populações eram bastante bonitos, usavam roupas que evidenciavam o corpo bem definido, o cabelo sempre de gel ou com um boné. Braz (2010) discute sobre como marcadores de diferença operam sobre os corpos masculinos para constituir sujeitos inteligíveis e corpos desejáveis, destacando haver uma busca tanto entre os “ativos” quanto os “passivos” por pessoas que se adequassem ao modelo hegemônico de masculinidade, com corpos malhados e não “afeminados”, com a preocupação de controlar os excessos e com um rechaço à “bichice”, esse ideal de virilidade é também apontado por Perlongher (2008) e por Díaz-Benítez (2010).

Dentre a população ocasional, há uma aparente ausência de cuidado com o corpo de modo que as roupas são mais largas, os corpos são magros e a eroticidade não é um traço que se destaca. Este fato pode ser relacionado à ocasionalidade do trabalho, que não é o foco de vida, mas também a uma busca dos clientes por pessoas com aparência jovem, inexperiente e discreta. Os clientes que procuram os *garotos* na praça muitas vezes não são homossexuais assumidos, ou são casados querendo que sua procura por *garotos de programa* não seja evidenciada. Os *garotos* também não querem ser destacados, já que muitas de suas famílias não sabem de sua ocupação e alguns são igualmente casados ou não querem ser interpretados como homossexuais. Um corpo menos erotizado permite que a atividade não seja claramente percebida pelas pessoas alheias às suas regras e configurações. Isso parece mudar no período da madrugada, quando a circulação na praça de outras pessoas diminui, e há também a presença de mulheres ou travestis, mas não fizemos observações neste horário.

Olhares e palavras como ferramentas de sedução e negociação

O olhar é algo fundamental aos jogos de sedução, sexual ou afetiva, que ocorrem na prostituição masculina. Através dele é possível identificar um cliente ou um garoto, avaliá-los em termos de suas aptidões e características, situando-os ou não como sexual ou afetivamente interessantes, seduzir ou convidar ao outro para se inserir na relação e ainda estabelecer limites ou permissões. Nem sempre é um olhar no sentido estrito do termo, mas pode abarcar também a imaginação, a fantasia.

Na praça, que é um ponto turístico e de grande circulação, não sendo associada unicamente à prostituição, a negociação dos programas tem sempre que acontecer de forma discreta, não expondo nem o garoto e nem o cliente e as relações se consomem na clandestinidade (PERLONGHER, 2008). Clientes e *garotos* ficam na praça, sentados ou em pé, andando ou parados, sozinhos ou em grupo, não sendo estes fatores que delimitam os comportamentos, mas o que as evidencia é um olhar cuja principal característica é de ser um olhar que nunca se fixa e que está em uma constante busca pelo olhar do outro (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010). Os *garotos* que entrevistamos passaram horas conosco na praça, conversando sobre os mais diversos temas e diziam que não havia importância ficarem ali ao invés de estarem trabalhando, mas era possível observar que o foco deles nunca era sobre nós. Conversavam, mas o corpo sempre ficava virado em direção aos demais e os olhos vagavam pela praça, às vezes se demorando um segundo a mais sobre uma ou outra pessoa e conversando à distância com ela. Um olhar correspondido e demorado traz em si uma primeira combinação, a da conversa. Os olhares e os pequenos gestos permitem uma troca sutil de sinais codificados que podem passar informações específicas diversas e ao mesmo tempo são praticamente imperceptíveis a um estranho (PERLONGHER, 2008; GEERTZ, 1989).

Em geral, um cliente ou garoto, já está sentado em um dos bancos da praça e, após o olhar e/ou gesto, o outro se dirige ao local e se sentam lado a lado, onde começam a conversar sobre temas variados e sobre o programa, já no final da conversa. Os clientes são mais velhos do que os *garotos*, de acordo com Perlongher (2008), os primeiros costumam ter mais de 35 anos e os segundos entre 15 e 25, o que parece se relacionar com o fato de buscarem uma conversa e aproximação maiores. Os encontros nem sempre são sexuais, muitas vezes sendo valorizados e apreciados por focarem na conversa ou na presença do outro (POCAHY, 2011). Esta conversa parece estar relacionada à busca por interações próximas, à invisibilização da prostituição, à tentativa de segurança por parte dos *garotos* e também à negociação do programa, embora este muitas vezes não seja o foco.

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

O olhar é muito importante para a comunicação entre os *garotos* que dizem que sabem “bater o olho” e dizer se uma pessoa é cliente, se é garoto ou apenas transeunte. Identificam-se de longe, também pela roupa ou jeito de andar (mãos no bolso, olhar em busca), mas, se um ou outro está acompanhado, não se cumprimentam. Observamos isso quando encontramos com um garoto que estava com um cliente, e foi apenas após ter olhado e cumprimentado nosso colaborador de pesquisa que o chamou, mas deixou claro que não o chamaria se ele não tivesse indicado. Há um distanciamento entre os *garotos* e muitos não se conhecem ou interagem além dos olhares, passando as tardes sozinhos.

O olhar no caso dos anúncios de jornal ou de internet, denominados respectivamente de prostituição de classificados e prostituição virtual por Saldanha (2010) é um olhar que recai sobre fotos, palavras, fazendo grande uso da imaginação e das fantasias, sendo necessário seduzir o cliente com poucas palavras e/ou imagens, pouca coisa é dita, mas muitas são evidenciadas nas entrelinhas. Estes anúncios são em sua maioria destinados a um público masculino (FÁVERI, 2010) e a internet e o jornal se diferenciam em diversos aspectos, como a forma em que o garoto se apresenta à clientela.

No jornal, os textos são muito curtos, direto ao ponto, e visam singularizar as identidades representadas, em geral devendo trazer o sexo (homem/mulher), o tipo de prática (ativo/passivo), expressões sedutoras (quente, sensual, sarado), os locais de realização do programa (com ou sem local), o horário de atendimento e, no caso dos homens, “o dote”, que é o tamanho do pênis, que pode ser indicado por proporções numéricas, de formas veladas ou ainda por meio de adjetivos (SALDANHA, 2010; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010). Na internet, os textos podem ser mais longos e as fotos fazem com que não seja necessário trazer algumas informações, mas frequentemente trazem também informações sobre as formas de atendimento, horário e local (FÁVERI, 2010). Após se interessar por um anúncio, o cliente entra em contato com o garoto por telefone, pelo site, ou por e-mail.

Um de nossos entrevistados atende um cliente que liga pela primeira vez, após ver seu anúncio no jornal “Sou moreno, alto, 1,78, boca grande, dentes brancos, corpo bem atlético, bonito, bem dotado – 20 por 17, não dá para fechar a mão, bonito, bronzado de sol, cabelo liso e curto preto, sem decepção”, possibilitando que o cliente crie imagens mentais do garoto e imagine se este seria do seu agrado. Aqui há uma evidenciação da virilidade e de uma masculinidade hegemônica (SALDANHA, 2010), uma masculinidade hiper viril que é uma questão de honra para os *garotos*, e de desejo para os clientes (POCAHY, 2011), sendo ainda explicitada quando responde “não, passivo de jeito nenhum, só faço ativo”. Após esta etapa, quando o programa é combinado e tem início, os olhares finalmente acontecem de forma direta o que, em alguns casos,

pode levar a recusas dos clientes, ou mesmo dos *garotos*, por considerarem que o corpo com o qual se deparam não é atrativo, ou que parece sujo ou doente. Caso o cliente recuse o garoto, deve pagar o programa de toda forma, mas o mesmo não vale para o caso de a recusa ser por parte do garoto, que por vezes usa artifícios como dizer que não está se sentindo bem.

A questão do nome que usam é também um fator importante sendo que, entre os nossos entrevistados, apenas um disse ocultar o seu nome. Houve ainda um dos entrevistados que se recusou não só a nos dar o nome, mas a falar qualquer nome. O que usa um nome diferente fala de si como sendo ao mesmo tempo duas pessoas: como profissional do sexo, e o não profissional. Ele nos conta das diferenças entre eles, dizendo que em geral, prevalece o garoto de programa, Marcelo, que não tem problemas, tem muitos amigos, está sempre bem, afirmando querer aproximar essa imagem que passa de quem ele realmente é.

Consideramos que em todos estes casos há uma tentativa de ocultação da ocupação e proteção da identidade “real”, mas o que varia são os métodos como isso ocorre, pela ocultação do nome registrado ou pela evidenciação deste. No caso da evidenciação, é interessante que dizer o próprio nome é um modo de que a pessoa possa transitar pelos diversos espaços como uma mesma pessoa (que não tem algo escondido) e de evitar erros por parte dos demais.

Negociando: o tempo, o local, as práticas e as trocas

A negociação dos programas ocorre de forma diferente nos diversos ambientes, havendo dissonâncias em relação à forma como se combina e ao que se combina. A principal questão em comum a todos os modos de prostituição masculina que vimos é a da passividade/atividade, que permeia as negociações, mesmo que nem sempre precise ser dita. A clientela dos *garotos* de programa é formada prioritariamente por homens homossexuais, embora existam também casos de casais ou de mulheres. No Brasil, o ato sexual é significado através do binômio comer (penetrar)/dar (ser penetrado), que indica uma metáfora de apropriação e consumo do parceiro passivo/feminino, pelo ativo/masculino. Esta simbologia pode ser usada para qualquer pessoa que seja penetrada, homem “afeminado” ou mulher, associando aquele que penetra sempre à masculinidade, sendo percebido como “homem” e estigmatizando aqueles homens que são passivos, percebidos como femininos ou “não homem” (BOZON, 2004). A maioria dos homens que se prostituem se dizem “ativos” ou “passivos”, o que consideram que define sua identidades (se são homens/machos ou bichas/afeminados) e também sua orientação sexual (heterossexuais ou homossexuais).

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

O boy muitas vezes é um homem que se considera heterossexual que se relaciona sexualmente com “bichas”, sobre as quais recai o peso social do estigma associado à homossexualidade (PERLONGHER, 2008), o que também pode ocorrer com os *garotos* passivos. PocaHy (2011) destaca que além dos *garotos*, muitas vezes os próprios clientes não se consideram homossexuais, mantendo uma “vida dupla”.

Alguns são apenas passivos, outros ativos, outros fazem os dois (“total flex”, como dizem eles) e estes fatos parecem marcadores fundamentais de suas identidades sexuais (gay, hétero), de seus objetivos na prostituição (ganhar dinheiro, aproveitar) e de seus limites simbólicos e corporais. Diversos teóricos têm debatido os mecanismos simbólicos usados por profissionais do sexo como forma de separar não só a identidade dentro e fora do trabalho, mas também a atividade sexual com parceiros daquela com clientes, além de assegurar um caráter profissional a suas práticas. Destacam que evitam beijar os clientes, que não deixam que toquem algumas partes de seus corpos, que usam preservativo apenas com os clientes e que evitam sentir prazer nas relações profissionais (FREITAS, 1985; GASPAR, 1985; MORAES, 1996; PASINI, 2000; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010). Pasini (2000) afirma que essas divisões delimitam tanto a forma de ser na prostituição quanto fora dela, embora não sejam regras fixas, podendo haver exceções de acordo com o estado civil da mulher e com o cliente. No caso dos homens, o principal limite é a posição no momento do ato sexual de atividade ou passividade, que PocaHy (2011) diz servir de “escudo traseiro da masculinidade”, e a passividade se estende também em relação ao sexo oral, sendo que os ativos por vezes não aceitam fazer sexo oral nos clientes.

Os programas são negociados em termos de atividade/passividade e do tempo, com preços bastante variáveis em relação ao profissional (sua beleza, necessidade), ao cliente (seu aspecto corporal, suas características já conhecidas pelos clientes, como de ser “mão aberta”) e ao tempo, fator bastante importante. O tempo em geral é de meia hora ou de uma hora, com valores pré-estabelecidos, mas frequentemente negociados. Os valores podem variar muito, de cerca de 30 reais até 150 pela hora e muitas vezes as horas fracionadas também são cobradas. Em situações em que há mais de um/uma profissional do sexo envolvida/o, o programa pode ter seu preço aumentado e algumas vezes há um desconto no valor que seria pelo programa de cada um. Há, nestes casos, momentos em que um dos profissionais é responsável por convidar os demais e que também retira uma parcela extra por isso. No caso dos *garotos* da praça, o valor combinado deve ser pago com antecedência, como forma de assegurar que o pagamento ocorra.

Caso a negociação seja bem sucedida, decidem o local em que será realizado o programa. Nosso entrevistado que trabalha por anúncios conta que antigamente atendia “com local”, em sua própria casa, mas que hoje prefere não,

para não se expor à violência ou aos vizinhos e curiosos, que vendo o “entra e sai”, acham que é traficante e já chegaram a fazer denúncias anônimas, além disso, também diz que a casa “não fica com boas energias”. Quando vai para algum hotel ou motel, este é pago pelo cliente, que já o espera no quarto e ele sempre liga antes para ter certeza de que há alguém o esperando, embora diga que pela voz e jeito já dá para saber se é brincadeira ou se querem mesmo programa. Já no caso dos que trabalham na praça, costumam se encaminhar para os hotéis ou motéis próximos a ela na hora de execução do programa e no caminho andam como dois amigos, sem se tocar ou se olhar, apenas conversando. No período noturno, por vezes ocorrem os programas “rapidinhos”, no carro do cliente ou em locais ermos.

O trabalho com as oportunidades não tem hora ou local para acontecer e suas regras são mais fluidas, o que importa é a ocasião e saber aproveitá-la da melhor forma possível. Nem sempre é possível saber quando surgirá uma boa oportunidade, mas deve-se estar atento a ela e às vezes até ir em busca da mesma. Elas estão nas ruas, nas praças, nos bares, nas festas, nas praias, e os clientes podem ser homens, mulheres, casais. Não há necessariamente um programa, com hora para começar e para terminar, mas há algum envolvimento, que pode ser afetivo, sexual, de acompanhamento e nem sempre são negociados os valores ou o que está sendo oferecido pelo profissional, já que este muitas vezes nem se percebe como tal. Acontece o encontro, se conversa, se troca, mas tudo se dá em um ambiente fluido e em constante negociação. Estes casos são semelhantes aos apresentados por Piscitelli (2004), em que as mulheres de classe mais alta que se prostituem recebem recompensas diversas por diferentes tipos de relações que podem ser sexuais, econômicas ou afetivas. PocaHY (2011) destaca que é comum entre *garotos* e clientes não falar de um preço a pagar, mas de uma ajuda e que em algumas situações o envolvimento pode ser prolongado, tendo ou não prazo para terminar. Contudo, isso não equivale a dizer que não existem regras, pois há sempre a necessidade de troca. O programa atua em alguns momentos como moeda de troca, sendo realizado para pagar por serviços.

Para os “ativos” é fundamental a ereção e a maioria dos nossos entrevistados, afirma que para a conseguir não precisa tomar remédio ou usar drogas, mas que às vezes recorrem a filmes pornográficos. Fica evidente que por mais que se considerem heterossexuais e que alguns digam só sentir prazer ou tesão por mulheres, isso não se mostra como um impedimento, mas é freqüente que recusem clientes que achem feios, gordos ou velhos. Este fato mostra que há uma erotização do corpo do cliente o que para os mais velhos pode gerar sua ressignificação, sendo percebido como capaz de despertar desejo entre os *garotos*, passa a se considerar belo, embora por outro lado esta busca por clientes mais velhos possa ter também ser fruto de seu maior poder aquisitivo (POCAHY, 2011).

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

Alguns dos que fazem programas na praça dizem que quando fazem muitos é difícil ter ereção, mas que às vezes conseguem “enrolar” ou “levar na conversa” os clientes, o que dispensa a relação sexual. Já no caso dos que trabalham como anúncio, é mais comum que os clientes procurem especificamente para realizar sexo, sendo mais difícil esta negociação, e necessário o uso de medicação que assegure a ereção por períodos prolongados, de até 36 horas.

O fim do programa é variável, estando relacionado ao seu objetivo e a como ocorreram as negociações. Nos casos dos que envolvem apenas sexo e com um cliente, em geral o gozo do mesmo é o definidor da duração do programa quando este é curto (uma ou duas horas), sendo que o resto do período, se quiser continuar, ficam conversando. Em casos de programas mais longos este parâmetro não existe, já que podem se estender até por dias inteiros. Em ambas situações, os *garotos* podem usar estratégias como tomar banho, conversar ou fazer massagem, para garantir que se passe mais tempo. Nos programas em que os objetivos não são apenas sexuais, o que marca seu fim também vai ser variável, mas, no caso dos que atendem na praça, fica valendo o período já combinado e pago. Quando o programa é pago apenas no final, este é o momento de cálculo de valores e de acerto de contas, o que pode gerar tensão, mas contam não ter chegado à violência, pois “se não, eu parto para cima”. Nas “oportunidades”, o fim é ainda mais flexível, e os encontros podem durar até mesmo meses, já que não há um objetivo claro e combinado.

Relações afetivas e sexuais

Dois dos nossos entrevistados possuem filhos e ambos têm os nomes e imagens destes tatuados em seus corpos. Em um dos casos, o garoto não fala muito dos filhos, o que talvez se relacione a uma tentativa de protegê-los ou de não misturar a família com o que faz na rua. No segundo caso, os filhos são tópico constante nas conversas e o garoto chegou a levar um deles para a rua conosco, querendo nos apresentar a ele e no começo não gostando que ele ouvisse as conversas, mas isso foi difícil pela vontade do menino de interagir, o que não impediu seu pai e nem os demais de falar sobre seu trabalho, embora por vezes usassem eufemismos. Como o filho, que possui cerca de três anos, é do sexo masculino, eram frequentes as falas para evidenciar que ele também já é “macho”, com falas como “olha lá, só quer brincar com a tia, menino esperto” ou “conta para a tia que o seu pinto ficou bem duro hoje”.

Dentre os nossos entrevistados havia um casado e os demais eram solteiros. O que é casado trabalha também como servente de pedreiro e não contou para a sua mulher que atua como garoto de programa, dizendo apenas que às vezes faz “uns bicos”, o que justifica sua ausência em casa e o dinheiro extra que recebe.

Dos solteiros, nenhum tem atualmente um relacionamento afetivo fora do ambiente de prostituição e consideram que é difícil conjugar as duas coisas, já que a outra pessoa não aceitaria ou teria ciúmes. Um diz que não gostaria de se envolver afetivamente com alguém no momento, pois “roda muito”, estando cada dia num lugar. Outro relata que sempre que se relaciona com alguém, deixa claro o que faz e explica que tem que estar disponível 24 horas por dia, podendo ter que sair a qualquer instante, o que em geral é compreendido pelas parceiras num primeiro momento, mas eventualmente gera ciúmes e brigas.

Alguns optam por ter relacionamentos com mulheres que são também profissionais do sexo, o que consideram que facilita, haja vista que ela compreenderá melhor o que fazem e suas ausências. O trabalho com o sexo não é percebido como traição, devido ao seu objetivo monetário, ou percebida como profissional (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010). Contudo, isso não quer dizer que não existem regras e que tudo é permitido. Um garoto contou um caso em que estava “de rolo” com uma mulher profissional do sexo e que um dia foi ao seu local de trabalho e ao invés de “ficar” com ela, ficou com outra garota, o que gerou muito ciúme e o fim do relacionamento. Outra não se importava com sua ocupação, pois achava que só transava com “bichas” e ao descobrir que o fazia também com mulheres ficou muito irritada, o que levou a revelar a todos os amigos do garoto o que ele fazia e ao fim do relacionamento.

Consideram que as relações sexuais com um cliente ou com um/uma parceiro/a são diferentes, pela relação que possuem com a pessoa e também pela forma como são executadas (de modo mecânico, sem carinho). Sobre a relação que têm com a pessoa, afirmam que às vezes é melhor fazer sexo com alguém que já conhecem ou que tem uma relação mais próxima e de intimidade. Existem alguns clientes que são mais antigos e com os quais tem uma relação mais próxima e por vezes há um envolvimento (de amizade ou amor), mas como a maioria dos clientes são homens e os *garotos* se consideram heterossexuais, pensam que estas relações são bem diferentes. Contudo, um disse que a intimidade com o cliente e quando a relação já é mais longa são fatores que podem aumentar a possibilidade de sentir prazer, o que também ocorre quando o cliente pede, mas que às vezes é desgastante e dificulta a ereção na próxima relação.

Existem regras para eles sobre o que pode ser feito com um cliente e além dos limites relativos à passividade, o principal é de não beijar o cliente, pois o beijo seria sinal de afeto, mas isso não impede que “façam romancinho”, o que pode incluir carícias em público ou demonstrações de ciúmes (POCAHY, 2011). Um deles, no entanto revela que tem um cliente há três anos que o procura toda semana e que é o único que ele beija, parecendo que os dois têm uma relação bastante próxima, e o cliente sabe como ele gosta de transar e o que gosta de beber e o chama de “meu namorado de aluguel”.

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

Podemos perceber aqui como os limites simbólicos podem ser reconstruídos e ressignificados em função do pagamento ou da relação estabelecida. Foram relatados também casos em que o garoto gosta do cliente e nem o cobra pelo programa, o que mostra uma possibilidade de flexibilização da questão monetária, mas este relato só aparece no caso do garoto que diz gostar de ter relações sexuais com homens. Dentre os demais, são mais frequentes casos em que se desenvolve uma amizade com o cliente do que um sentimento amoroso ou de carinho.

As relações sexuais na prostituição são vistas como mais mecânicas, o que faz com que ocorram de forma semelhante e também com que em algumas situações não se sintam excitados ou não cheguem ao orgasmo, já que o objetivo é o orgasmo do cliente e também o prazer seria algo que poderia colocar em questão sua heterossexualidade. Um deles relata que uma garota com quem se relacionou e que era profissional do sexo o ensinou a ser mais profissional, falando como deveria se vestir, se portar, falar ao telefone, colocar anúncio no jornal, se cuidar. Há relatos de que sabem através da relação sexual diferenciar se uma pessoa é ou não profissional do sexo, pois faz sexo com mais desenvoltura, mostrando habilidades que as demais pessoas não têm e agindo de forma mais mecânica, “como num filme pornô”. O fato de ser profissional do sexo afeta a forma de realizar sexo na vida afetiva sendo possível “impressionar”, mas por vezes se tornando também mecânico e pouco carinhoso, em alguns momentos não envolvendo tanto beijo na boca ou no corpo. Essa “impressionada” faz com que as garotas muitas vezes prefiram o sexo “mais profissional”, embora um dos nossos entrevistados tenha nos contado que com uma namorada que também era garota de programa, mas que era carinhosa com os clientes tenha aprendido a voltar a ser mais carinhoso, menos mecânico e se envolver nas relações. Houve um caso em que após o término de um relacionamento, o garoto queria pagar para a mulher, que era profissional do sexo, para transar com ela, ofereceu até mil reais, mas ela não aceitou.

Estes pontos se assemelham à idéia segundo a qual o comportamento sexual depende de produções sociais e mentais e são criados pelos seres humanos cenários e roteiros, os chamados scripts sexuais, que têm uma função estruturante para o seu imaginário sexual guiando os indivíduos e permitindo a eles atribuir sentido às experiências, comportamentos, sensações, desejos. Quando nos comportamos sexualmente estamos agindo não apenas segundo o instinto, mas considerados os planos subjetivos (narrativas, fantasias), das interações sociais (coordenam atos sexuais entre pessoas) e das prescrições culturais (delimitam os parâmetros do que é aceitável ou não) que nos permitem perceber e interpretar estados corporais, nos indicando se uma situação é excitante ou apropriada, e como devemos nos portar frente a ela (BOZON, 2002; GAGNON, 2006). Além disso, notamos a existência de um saber fazer próprio a profissionais do sexo que é aprendido por estes e buscado pelos clientes (BARRETO, 2008) e até por namoradas.

Considerações finais

A partir do nosso breve contato com os *garotos de programa*, pudemos observar a forma como as relações afetivas, sexuais e o trabalho, se articulam de formas diversas. A relação sexual que é mais mecânica e técnica com os clientes gera mais mecanicidade nas relações com os parceiros, por vezes reduzindo o carinho e os beijos, mas por outras tornando estas mais prazerosas. Já as relações com os clientes em momentos assumem configurações de “romancinho”, em que há troca de beijo e de carinho, em algumas situações envolvendo afeto. O trabalho aparece como algo que se separa da “vida”, pela ocultação da atividade ou pela escolha de nomes diferentes, mas ao mesmo tempo os filhos estão tatuados nos braços e presentes nos encontros e o recebimento do dinheiro advindo da prostituição ajuda no seu sustento. O trabalho também permite uma resignificação da própria identidade fora dele e de sua busca por ser uma pessoa diferente, mais parecida com a imagem que passa na prostituição. Existem marcadores simbólicos que servem para criar fronteiras que separam estas categorias, mas estes não são rígidos e estão constantemente sendo reconstruídos e resignificados.

A prostituição se mostra como um lugar de transgressão e de consolidação de parâmetros de gênero (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010). Por um lado permitem que as relações afetivas sejam construídas a partir de novos padrões, operando por regras próprias que questionam noções generificadas tradicionais sobre o prazer ou sobre as relações afetivas de modo que são criados novos limites que definem quais relações sexuais podem ser mantidas fora do relacionamento afetivo, não sendo considerada traição as relações realizadas por dinheiro. Por outro, aparecem posturas que não colocam em dúvida estes padrões, mas que os consolidam, como a dicotomia entre atividade e passividade e as representações advindas desta.

Foi possível perceber diversas construções parecidas entre os dados que coletamos em campo e o que se encontra na literatura. Os termos, como *michê* e suas variações, que nos foi esclarecido pelo nosso interlocutor Renato, é também tratado por Perlongher (2008). A procura dos clientes por *garotos de programa* com um estereótipo masculinizado, que segundo Renato, é “ser feito meio à facão e ter cara de homem”, também é trazido por Perlongher (2008) e Braz (2010), quando tratam de corporalidade e virilidade e assim por diante. Essa consonância entre o empirismo e teoria nos mostrou que existe uma estrutura construída no universo da prostituição masculina, fatos que acontecem da mesma forma, mas que não deixam de lado as peculiaridades locais e culturais.

A escolha pelo tema veio da sedução temática e realista, pois as negociações sexuais que ocorrem nas praças, nas ruas em algum momento do dia,

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

ou noite, muitas vezes são imperceptíveis. Na academia é um tema pouco desenvolvido, pouco pesquisado, debruçando nossa discussão teórica na nossa experiência em campo.

Referências bibliográficas

BARBOSA DA SILVA, J.F. *Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo*. In: J. GREEN & R. TRINDADE (Orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. p. 215-38. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

BARRETO, L. *Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

BOZON, M. A pesquisa sobre o comportamento sexual na França na era da Aids e sua continuidade. *Horizontes Antropológicos*, 8(17): 93-100, 2002.

BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS*. Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRAZ, C.A. “Mas agora confessa... – Notas sobre clubes de sexo masculinos”. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latino Americana*, 4: 127-56, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: *O trabalho do antropólogo*. p. 17-35. São Paulo e Brasília: EdUNESP e Paralelo 15, 2000.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: A. GUIMARÃES (Sel.). *Desvendando Máscaras sociais*. p. 87-121. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CLIFFORD, J. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: *A experiência etnográfica – Antropologia e literatura no século XX*. p. 17-62. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

DAMATTA, R. *Trabalho de campo*. In: *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. p. 143-73. Petrópolis: Vozes, 1981.

DÍAZ BENÍTEZ, M.E. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DURHAM, E. *O nativo em carne e osso*. In: A reconstituição da realidade. p. 45-87. São Paulo: Ática, 1978.

FÁVERI, M. As periguetes de Floripa: práticas contemporâneas de propagandas de sexo pago. In: M. FÁVERI, J.G. DA SILVA & J.M. PEDRO (Orgs.). *Prostituição em áreas urbanas*. Histórias do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2010.

FEMENÍAS, M.L. Esboço de um feminismo latinoamericano. *Revista Estudos Feministas*, 15(1): 11-25, 2007.

FONSECA, C. *A dupla carreira da mulher prostituta*. *Revista Estudos Feministas*, 4(1): 7-33, 1996.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista brasileira de educação*, 10: 58-78, 1999.

FONSECA, C. *Classe e a recusa etnográfica*. In: J. BRITES & C. FONSECA. *Etnografias da participação*. p. 13-34. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2006.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: *Desvendando máscaras sociais*. p. 77-86. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

FREITAS, R. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GAGNON, J. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: CLAM/Editora Garamond, 2006.

GAPA SANTA CATARINA. *Na Balada do Michê*. Documentário coordenado por Luiz Fernando Maritns. Ministério da Saúde, Governo Federal. Florianópolis, 2002.

GASPAR, M. *Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GEERTZ, C. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. p. 13-44. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

KEMPADOO, K. Introduction: globalizing sex workers' rights. In: K. KEMPADOO & J. DOEZEMA (Eds.). *Global sex workers: rights, resistance, and redefinition*. p. 1-28. Nova York e Londres: Routledge, 1998.

Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis

L.C. Barreto, C.D. da Silveira & M.P. Grossi

MACHADO, L.Z. Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. *Série Antropologia* 170, 1: 1-26, 1994.

MARCUS, G. Afterword: ethnographic writing and anthropological careers. In: J. CLIFFORD & G. MARCUS. *Writing cultures – the poetics and politics of ethnography*. p. 262-66. Berkeley: University of California Press, 1986.

MENDES, J. Perguntar e Observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas. Disponível em: www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/oficina.php, Lisboa, 2003. Acesso em 27 de Março/2007.

MINAYO, M.C. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: M.C.S. MINAYO (Org.). *Pesquisa social teoria, método e criatividade*. p. 61-77. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO. 2008. Classificação brasileira de ocupações profissionais do sexo. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>. Acesso em: 10 de Junho/2010.

MORAES, A. *Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

PASINI, E. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, p. 181-200, 2000.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PERLONGHER, N. Territórios Marginais. In: J.N. GREEN & R. TRINDADE (Org.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. p. 263-90. São Paulo: UNESP, 2005.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, A. *On “gringos” and “natives”*: gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil. *Vibrant*, 1(1/2), Jan-Dez, 2004.

POCAHY, F. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SALDANHA, R.A. O “dote” nos anúncios de prostituição masculina do diário catarinense. In: M. FÁVERI, Marlene, J.G. DA SILVA & J.M. PEDRO (Orgs.). *Prostituição em áreas urbanas*. Histórias do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2010.

VELHO, G. *Observando o familiar*. In: E.O. NUNES (Org.). *A aventura Sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. p. 36-46. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIEIRA, L. *Vida de michê*. Documentário. Universidade Estácio Sá/SC. 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=PGa3HSo0AnQ>>. Acesso: 19 de Abril/2011.